



## **Interstícios da pesquisa em Comunicação: a notabilidade do debate epistemológico nas investigações efetivadas na Graduação<sup>1</sup>**

Thales Vilela LELO<sup>2</sup>

Marta Regina MAIA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### **Resumo**

Este artigo visa promover uma reflexão sobre a importância do debate epistemológico em pesquisas desenvolvidas na Graduação sob os auspícios das Ciências da Comunicação. Serão trabalhadas as questões que dizem respeito a uma epistemologia das Ciências Humanas em geral, caminhando para a caracterização das Ciências da Comunicação do ponto de vista de sua especialidade no tratamento com o objeto, de seu estatuto interdisciplinar e da apresentação das críticas mais comuns feitas ao campo. A luz destas considerações serão expostas as reflexões deste cunho empreendidas no projeto PIBIC/CNPq “Lugares instituídos, espaços praticados: a entrevista, representações sociais e aproximações entre documentários e jornalismo”, desenvolvido na Universidade Federal de Ouro Preto.

### **Palavras-chave**

Ciência; Comunicação ; Epistemologia ; Interdisciplinaridade ; Pesquisa

### **Introdução**

Este trabalho visa promover uma reflexão sobre a importância do debate epistemológico<sup>4</sup> em pesquisas construídas na Graduação sob os auspícios das Ciências da Comunicação. Discorrer sobre as amarrações concernentes a este lócus de trabalhos efetiva uma tarefa precisamente importante ao se considerar o campo de estudos da Comunicação enquanto comunidade científica, que, como tal, se movimenta no solo movediço de seus próprios aportes, sujeitos a dissolução e reconstrução permanente – questão indispensável de ser tangenciada com o intuito de pautar debates conformados ao conhecimento especializado referente ao campo.

Desencadeiam-se então uma série de interrogações, tais quais: o que é uma pesquisa em Comunicação? E como se conforma um estudo como concernente a este

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, estudante do 6º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFOP, e-mail: thales.lelo@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora Adjunta do Curso de Jornalismo da UFOP. Orientadora do Projeto PIBIC/CNPq “Lugares instituídos, espaços praticados: a entrevista, representações sociais e aproximações entre documentários e jornalismo”. E-mail: marta@martamaia.pro.br

<sup>4</sup> Entende-se por epistemologia “o estudo da ciência: ela é uma disciplina filosófica que toma a ciência como objeto” (MARTINO, 2003a, p.81).



campo? Como transitar pelos meandros epistemológicos nestas pesquisas? Responder, com equidade, a esta gama de conjecturas que se expandem e alargam na medida em que se procede a níveis de abstração cada vez mais sutis, seria uma tarefa hercúlea – e possivelmente impraticável para os propósitos deste breve trabalho. Por isto, a máxima que dá sustentação a todas as digressões que vão ser desenvolvidas no decorrer deste texto é obediente a uma consideração de Gregory Bateson: “a ciência nunca prova nada” (BATESON, 2006, p.39).

Tal constatação não relativiza por completo o trabalho científico, mas situa que sua campanha oscila entre a adequação e refutação de hipóteses, já que, para o autor, o papel da Ciência é indagar, não comprovar (BATESON, 2006, p.40). O cientista se agarra então ao trabalho com hipóteses dotado de uma fé necessária para acreditar na sujeição da Natureza a determinadas estruturas minimamente coerentes (WIENER, 1978). A importância da comunidade científica se encaixa neste sentido: se não há como comprovar as hipóteses, sempre sujeitas à refutação, é preciso que se explicitem à arguição os pressupostos que norteiam o trabalho científico, com vistas a possibilitar o debate não só em nível de um corpo restrito de pesquisadores, mas a toda comunidade especializada com a qual suas considerações devem se conformar para um crescimento do conhecimento compartilhado (FRANÇA e MAIA, 2003, pp.189-193).

Alargam-se então as dúvidas levantadas anteriormente: se não há certezas absolutas na Ciência como um todo, o que esperar das Ciências Humanas? E como se insere a Comunicação neste quadro? Qual sua peculiaridade? De onde provêm suas ferramentas de análise? E de que forma é possível envolver a Graduação nestas discussões? Para tentar esclarecer este panorama, lançar-se-á mão do seguinte protocolo: primeiramente, serão trabalhadas as questões que dizem respeito à configuração epistemológica das Ciências Humanas em geral, caminhando para a caracterização das Ciências da Comunicação do ponto de vista de sua especialidade no tratamento com o objeto, e da exposição das críticas mais comuns feitas ao campo.

Em seguida, serão trabalhadas as indagações referentes às fontes de onde provêm as ferramentas de análise do campo. Fundadas num trânsito interdisciplinar, as Ciências da Comunicação são envolvidas por uma série de incongruências específicas concernentes a esta peculiaridade alojada em sua cristalização enquanto campo de estudos. Por fim, o lugar de convergência dos assuntos até então versados se dará na exposição de uma possibilidade de abordagem na esfera da Graduação que visa o tratamento do objeto de estudo em articulação com os alicerces teóricos da pesquisa -



sem deixar de lado implicações epistemológicas significativas. Esta etapa final serve como ilustração da possibilidade real do ato de “pôr em diálogo” as demandas epistemológicas até então debatidas com as pesquisas realizadas na Graduação. O objeto de análise será o projeto PIBIC/CNPq “Lugares instituídos, espaços praticados: a entrevista, representações sociais e aproximações entre documentários e jornalismo”, desenvolvido atualmente na Universidade Federal de Ouro Preto.

### **A caracterização do “olhar comunicacional” para as práticas sociais**

A particularidade das Ciências Humanas em relação aos outros prismas científicos é que suas averiguações são estritamente analógicas<sup>5</sup>, ou seja, resultado de aproximações. Não há como pressupor que determinados padrões estejam subordinados a valores numéricos digitais, já que suas fundações são em processos estocásticos<sup>6</sup>, segundo a terminologia de Gregory Bateson (2006). Nestas redes circulares, é altamente cabível deduzir ordens mais genéricas, mas, ao pressupor a nível individual tais estruturas, pode-se de uma falha tipológica<sup>7</sup>. Não que nos outros ramos das Ciências estes processos também não estejam presentes e influam determinadamente nos sistemas ordenadores, e, mesmo em Ciências Exatas, como apontou Gibbs (apud WIENER, 1978, p.13), os dados digitais e a sujeição a leis estão por sua vez subordinados a probabilidades que salpicam aleatoriamente e sofrem a todo custo tentativas de controle contingencial em sistemas fechados pautados pelo método linear de “causa-efeito”, mas, nas Ciências Humanas, não é razoável exercer controle suficiente sobre um sistema ao ponto que ele se torne totalmente previsível e restrito a um número de códigos ou ações que presumam efeitos diretos. Não há linearidade na esfera social.

As Ciências da Comunicação circunscrevem-se nesta órbita. Suas fundamentações teóricas não possibilitam um encontro direto com seus objetos de análise, e este movimento só se dá em um grau de aproximação que protocola em seus

---

<sup>5</sup> Os contrastes entre as definições de analógico e digital são pormenorizados por Paul Watzlawick (2007).

<sup>6</sup> Gregory Bateson classifica como processo estocástico “uma corrente de sucessos que é aleatória em certos aspectos, e um processo seletivo não-aleatório que faz com que alguns dos componentes aleatórios ‘sobrevivam’ mais que outros (BATESON, 2006, p.161). A base de pensamento do autor é que nestes processos nada de novo pode ocorrer sem que um elemento aleatório esteja presente.

<sup>7</sup> A referência direta aqui é a Bertrand Russel (apud BATESON, 2006), importante teórico matemático do século XX, responsável pelo desenvolvimento da ideia de tipos lógicos de ordens distintas em problemas das Ciências Exatas. Neste caso em particular que será tratado no texto, o erro tipológico é atribuir a uma ordem inferior uma classe de ação só concebível num nível superior de entendimento.



meandros os componentes aleatórios presentes em quaisquer domínios de pesquisa<sup>8</sup>. De saída, uma das dificuldades de cristalização do campo é referente à demarcação de sua especialidade. Problema análogo ao vivido por Georg Simmel (2006) no início do século XX na delimitação do centro de gravidade das Ciências Sociais, a crítica feita a Comunicação afirma que não seria possível um estudo das práticas comunicativas, já que elas estariam inseridas em parcelas significativas em todos os ramos das Ciências. Qual especialidade há em um campo que já é estudado por tantas outras disciplinas? É possível isolar uma forma de tratamento que imprima um “selo comunicacional” em uma investigação?

Segundo Vera França e Rousiley Maia, o que “marca as práticas comunicativas – ou o ‘olhar da comunicação’ – é exatamente a ênfase nos produtos, nos meios e nas formas pelos quais as trocas simbólicas se estabelecem” (FRANÇA e MAIA, 2003, p.199). Assinalar tal particularidade não implica que os estudos desta disciplina se sirvam somente de objetos instrumentais, já que,

estudar a comunicação é estudar a relação entre sujeitos interlocutores; a construção conjunta de sentidos no âmbito das trocas simbólicas mediadas por diferentes dispositivos – uma prática viva que reconfigura seus elementos e reconfigura o social (FRANÇA e MAIA, 2003, p.199)

Assim, se os sujeitos da comunicação são sujeitos em relação contínua, o objeto da comunicação é também dotado desta característica. Assim, “quando se pergunta sobre o objeto da comunicação, não nos referimos a objetos disponíveis no mundo, mas àqueles que a comunicação, enquanto conceito, constrói, aponta, deixa ver” (FRANÇA, 2008, p.42)<sup>9</sup>

Embora estejam delineados os contornos distintivos das Ciências Humanas, e, mais diretamente, do papel das Ciências da Comunicação enquanto ramo voltado à apreensão das trocas simbólicas, das práticas conversacionais que se interconectam em múltiplas mediações no terreno social, o aspecto “relacional”, em destaque (FRANÇA e MAIA, 2003) desencadeia outras dúvidas: se não há olhar de fora das mediações, como estudá-las? Quais ferramentas são adequadas para examinar as moveções práticas comunicativas?

---

<sup>8</sup> O embrião das Ciências da Comunicação, principalmente durante o período das pesquisas administrativas orientadas pela eficácia dos resultados, acabou disseminando o germe de uma rigidez de métodos tidos como invioláveis em prol da Ciência (BRETON e PROULX, 2006, pp.143-161) e de objetos instrumentalizados ou confundidos com determinações técnicas, germe este que contamina até hoje determinadas pesquisas.

<sup>9</sup> A importância dos usos sociais, para além do mito do progresso associado à técnica, já foi apontado por Armand e Michèle Mattelart (2004). Os objetos da comunicação, neste âmbito, não são meramente dispositivos tecnológicos, mas sim o mergulho destas técnicas no tecido social enquanto segmento das práticas comunicativas.



Ambas as dúvidas tocam novamente na problemática da especialidade das pesquisas em Comunicação. Da ideia de que “tudo é comunicação” - que solapa a identificação de um objeto (BRAGA apud FRANÇA e MAIA, 2003) – passa-se ao questionamento da abordagem em si. Pode haver neste aspecto novamente uma incongruência, que não diz respeito à particularidade das Ciências da Comunicação somente, mas das Ciências Humanas como um todo. O fato de não ser possível mensurar em números absolutos os fugidios processos comunicativos não mina a possibilidade de estudá-los. Em quaisquer ramos da Ciência, há um limite de abstração, e uma contradição lógica surge quando se percebe que não há um “além das fronteiras”, já que elas próprias são limitadas pelo universo que as circunda – a impossibilidade de se ver em “terceira pessoa”, apontada por Pedro Demo (2005), coaduna com os enquadres cujas funções são delimitar tipos lógicos, nos termos de Bateson (2002, p.100). Assim, como propõe Wittgenstein

A lógica preenche o mundo, os limites do mundo são também seus limites.  
Não podemos, pois, dizer na lógica: isto e isto existem no mundo, aquilo não.  
Porquanto se pressuporia aparentemente que excluímos certas possibilidades, o que não pode ocorrer pois, do contrário, a lógica deveria colocar-se além dos limites do mundo, como se pudesse considerar esses limites também do outro lado.

Não podemos pensar o que não podemos pensar, por isso também não podemos *dizer* o que não podemos pensar (WITTGENSTEIN, 1968, p.111)

Se fosse possível olhar de fora das mediações, elas possivelmente não teriam mais este sentido, já que se tornariam algo referente a uma classe de fenômenos ininteligível, e não ao conjunto dos processos comunicativos. Contrariando a primeira inquietação apresentada, é exatamente por fazer parte das práticas comunicativas, que é possível aos cientistas da comunicação aprendê-las. Mas de onde provêm as ferramentas adequadas para a realização de análises referentes às Ciências da Comunicação?

Esta preocupação remete novamente a especialidade do campo, mas sugere também outra interrogação implícita: por estar a Comunicação inserida em uma teia de fios dispostos aleatoriamente pelas práticas difusas imersas do cotidiano, suas ferramentas teóricas seriam a tradução desta peculiaridade? A resposta é negativa, e a dificuldade da reflexão neste sentido situa-se na indefinição de operadores teóricos específicos para diagnóstico dos processos comunicacionais.

Abordar os meandros deste panorama exige a exposição de uma série de incongruências que o sustentam: primeiramente, na definição de sistemas estocásticos, sabe-se que o componente aleatório tem função ímpar, todavia, ele por si mesmo não



explica por completo quaisquer fenômenos (CENTENO, 2009, pp.83-88). Embora em sistemas circulares abertos, como os alusivos a ordem social, o componente analógico indique que não é possível apontar dígitos simples a realidades complexas, não passa a ser impossível só por isso ler qualquer grau de ordem mais genérica neste sistema.

Secundariamente, embora se fale de entropia como tendência similar a quaisquer organismos – para utilizar um termo batesoniano (2006) – cabe destacar que os processos de realimentação sempre se empenham em equilibrar esta tendência inevitável à diferenciação progressiva com um mínimo de conservação admissível. Não se sai de um universo estável para outro totalmente em crise. É necessário que haja uma adequação que calibre este sistema novo (BATESON, 2006, pp.190-192), sem, contudo, promover uma dissolução total com os moldes do sistema antigo. E cabe ressaltar que também não é possível mesmo falar de um universo totalmente em crise: no campo social, a ordem não existe somente para evitar uma “guerra de todos contra todos” no protótipo hobbesiano, mas sim porque uma guerra franca é demasiado desgastante do ponto de vista energético para ser detonada (WINKIN, 1991, p.59)<sup>10</sup>. Tangenciando o debate acerca da não-especificidade das ferramentas teóricas das Ciências da Comunicação – e retomando o tom de quando se objetou as críticas feitas à inserção do comunicador como peça do próprio objeto de estudo - cabe reforçar: só seria possível diagnosticar a total desordem, fora dela – e, se isto é algo impensável, então também se torna indizível.

### **A problemática da sistematização disciplinar**

Ao final desta trajetória a inquietação que ainda persiste sobre a peculiaridade das ferramentas utilizadas para diagnóstico dos processos comunicativos desemboca na problemática questão da estruturação disciplinar do campo. Cabe então melhor definir o que se entende por conduta (inter/multi/trans)disciplinar, procedimento importante na superação de pontos cegos da Ciência contemporânea, “que se dotou de um volume de informações que supera a possibilidade de ser controlado num ambiente disciplinar

---

<sup>10</sup> Cabe complementar esta justificativa com o ponto de vista de Thomas Luckmann e Peter Berger (2003) acerca da realidade social. Para os autores, as condutas humanas são institucionalizadas e tipificadas precisamente para que os atores, ao se engajarem em interações, não necessitem refletir sobre cada passo que dão no desenvolvimento da ação, economizando energias para ações especializadas. Por esta razão, é plausível que Erving Goffman ressalte o quão temível pode ser o sentimento de embaraço numa ocasião social, evitável a todo custo por provocar uma desgastante desordem no sistema interacional (WINKIN, 1991, p.58).



específico” (GOMES, 2003, p.327)<sup>11</sup>, sem, todavia, supor que esta conduta, em si mesma, signifique dissolução total a um estatuto disciplinar (LOPES, 2003, p.291).

Luiz Martino (2005) elege três momentos teóricos localizados historicamente onde haveriam equívocos no trato com o material epistemológico das Ciências da Comunicação no que diz respeito a sua emblemática ‘condição interdisciplinar’: AC configuração do ceticismo crítico, do positivismo da unificação da ciência e da suposta negação da sistematização do conhecimento.

Para o autor, o ceticismo crítico foi um dos componentes primordiais para atribuição de uma gama de rótulos aos estudos referentes às Ciências da Comunicação. O autor considera que uma boa parcela de teóricos em meados da década de 80 passou a negar a possibilidade de uma autonomia disciplinar para o campo, tido como mero conhecimento aplicado dotado de um *know-how* que dispensava parâmetros acadêmicos. Este “saber comunicacional”, amadurecido à revelia dos críticos que não o consideravam uma Ciência (já que sua própria construção era a partir de um conjunto de saberes não voltados para os problemas da Comunicação em si), edifica-se epistemologicamente – e contraditoriamente - a partir de sua própria indeterminação disciplinar: “este quadro sugere que a interdisciplinaridade veio, portanto, preencher uma lacuna quanto ao estatuto do saber comunicacional, ao mesmo tempo em que se ergue como uma resposta ao novo sentido do ceticismo triunfante” (MARTINO, 2005, p.10).

A defesa da não-modelagem a nenhuma classe de conhecimento específico para a Comunicação desencadeou uma linha de pensamento alinhavada ao positivismo, que pregava uma unificação da ciência (MARTINO, 2005). A coincidência, que germina na naturalização da interdisciplinaridade nas Ciências da Comunicação (“fato” aceito como evidência inquestionável da qualidade do campo para além da discussão acerca da sistematização de um leque de recursos teóricos), floresce na exigência da superação das próprias camadas convencionais de conhecimento científico. “Ao reivindicar uma superação das divisões do saber” – alerta Luiz Martino

o positivismo defende a tese de que as barreiras entre as disciplinas são apenas provisórias e com o desenvolvimento do conhecimento científico chegaríamos ao ponto de poder explicar os fenômenos através de saberes mais fundamentais ou mais abrangentes (MARTINO, 2005, pp.5-6)

Para além desta Ciência livre de amarras, jaz uma anti-epistemologia,

---

<sup>11</sup> Este ponto é também apontado por Giovandro Marcus Ferreira, que assinala a relevância de uma “abertura interdisciplinar que ajuda a romper com a tradicional ruptura entre abordagens sociológicas e semióticas que dividiram os estudos da comunicação e mutilaram objetos” (FERREIRA, 2003, p.276)



concernente a superação desta em suas dimensões atuais. Assim, não seria necessário somente instaurar um novo campo, mas um novo estatuto do conhecimento como um todo. O motor desta conduta, intitulada por Wilson Gomes (2003, pp.326-329) de “mito do fim das disciplinas”, seria a negação mesmo da Ciência com seu arsenal de características básicas (MARTINO, 2005, pp.10-11). Se amparando em uma retórica que preconiza uma liberdade avassaladora em detrimento da segmentação do saber, esta linha prega abordagens revolucionárias sedimentadas em categorias inter, trans ou multidisciplinares. Ser criativo cientificamente para alguns que se ancoram em seus pressupostos passa a ser não ter compromisso com métodos e muito menos refletir sobre epistemologia. Falar em disciplinas, muito menos – já que elas todas só serviriam para engessar um saber artístico livre de amarras. Novamente a importância dada aos componentes contingentes da estrutura social transborda o jarro e inunda as fronteiras, marchando até o já complicado equilíbrio entre rigor e originalidade científica, que é cindido.

De todo modo, a consequência da adoção de tal discurso é criar entusiastas de uma contraditória institucionalização transdisciplinar do campo (LOPES, 2003, p.290), entusiastas estes que são carentes de uma identidade disciplinar bem arquitetada no ramo das Ciências da Comunicação e de organização epistemológica (critério básico para que possam ser apontados seus pontos cegos). Este movimento desenfreia uma justaposição de áreas e, pior ainda, consolida uma posição de extrema transitoriedade no campo (NEVEU apud FERREIRA, 2003, p.260), concretizando um “deslocamento disciplinar” que favorece o tráfego de pesquisadores de diversas áreas, menos interessados no “olhar comunicacional” dos fenômenos do que numa fuga do confronto e conformação de suas especulações com os respectivos pares acadêmicos (GOMES, 2003, p.328).

Luiz Martino (2003b) avalia que o estatuto atual do campo da Comunicação é interdisciplinar. Mas como o autor alerta, a exposição deste quadro não deve ser tomada como reflexão epistemológica, o que sobreporia e coincidiria o problema com sua solução (MARTINO, 2003b, p.65). O autor aponta para a importância da sistematização do saber comunicacional, superando obstáculos que determinadas posições dominantes apresentam para o desenvolvimento da reflexão epistemológica, “sob o risco de se ver desabar o edifício da Comunicação sob o peso da acumulação de inúmeras perspectivas (interdisciplinaridade) ou simplesmente em atendimento à argumentação céptica” (MARTINO, 2003b, p.66).





Se as Ciências da Comunicação sofrem com a inconsistência de bases de controle, responsáveis por traçar o caminho presumido de uma tese até sua admissão “como conhecimento aceito, ainda que provisoriamente, como verdadeiro” (GOMES, 2003, p.325), é necessário avançar na fundamentação de ferramentas ajustadas as suas configurações disciplinares. A criatividade e inovação, para o cientista, são elementos essenciais (FRANÇA e MAIA, 2003, p.191), mas só podem se expressar com um mínimo de conformidade a um conjunto de parâmetros existentes (BATESON, 2006, pp.231-240).

José Luiz Braga (2007) assinala que é menos importante, no momento, possuir um conjunto assentado de teorias do que realizar as perguntas específicas que delineiam este “olhar comunicacional” para o mundo. Agir desta forma não é abandonar o princípio da sistematização, mas pensar as ferramentas a partir de um conjunto inicial de indagações peculiares. Partindo de definições de um conjunto de quadros conceituais pré-ordenados, o pesquisador se dirige aos questionamentos que balizam uma lógica própria. Mais do que assentar um território fixo, uma definição consensual, compete ao estudioso, ao receber os aportes e estímulos de outras disciplinas, poder ofertar perguntas elaboradas a partir de um interesse próprio do campo das Ciências da Comunicação. Ao não se contentar com a mera evidenciação da interdisciplinaridade do saber, a reflexão epistemológica volta à cena na angulação adotada para o trato com distintos fenômenos. Para o autor, o fundamental é pensar a comunicação que se circunscreve na sociedade, “e desenvolver, a partir deste primeiro nível (...) uma percepção de como constituem (ou podem se constituir) um corpo conceitual, perceptual e reflexivo tensionado em mútua referencialidade” (BRAGA, 2007, p.16).

A conclusão que se chega é que a definição das ferramentas adequadas no trato com os objetos da Comunicação surgem no aperfeiçoamento de indagações que alcem um corpo próprio de problemáticas, focadas nas trocas simbólicas e no jogo intrincado de interações sociais entrelaçadas pelas mediações. A aplicação de fórmulas enrijecidas cede então lugar a uma formulação teórica que se complexifica na interlocução com o objeto de pesquisa - e partindo de um arcabouço afinado por séries de interrogações próprias. Neste lócus, o debate epistemológico toma corpo, sendo colocado em pauta constantemente por uma atitude que o modela através de um constante questionamento.

### **O debate epistemológico no âmbito de uma pesquisa de Graduação**



Como proposto no início deste artigo, cabe refletir sobre a imbricação de questões epistemológicas no cerne de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada na Graduação. Menos do que proporcionar uma perfeita conjunção de elementos e ferramentas dispostos de maneira exemplar do que trazer uma possibilidade - com suas limitações – de como determinados pontos fundamentais podem ser dinamizados no decorrer de um plano no domínio mesmo da Graduação, serão traçados os percursos de construção teórica do objeto de estudo do projeto PIBIC/CNPq “Lugares instituídos, espaços praticados: a entrevista, representações sociais e aproximações entre documentários e jornalismo”, iniciado na segunda metade de 2010 e já parcialmente concluído. Este projeto se fundamenta enquanto etapa posterior de uma pesquisa intitulada “O documentário interativo no Rio de Janeiro: dialogia e fontes anônimas”, aperfeiçoada no período 2009/2010 pela mesma agência de fomento.

Este primeiro estudo propunha analisar o modo de projeção de cidadãos comuns tomando como recorte empírico o cinema documentário contemporâneo, realizado em regiões periféricas da cidade do Rio de Janeiro. Com a hipótese de que este suporte seria um lugar privilegiado para representações sociais diversas das expostas comumente nos meios de comunicação (e no telejornalismo especificamente), o estudo enfocava o exame das entrevistas com estes atores sociais no espaço fílmico através de um *corpus* teórico delimitado. Os resultados obtidos neste momento inicial nuançaram então contornos que poderiam ser adensados e melhor explorados a partir de uma série de indagações centrais que, em um trajeto espiralado, apontavam para um núcleo epistemológico recheado de curtos-circuitos explicativos: seria a produção em cinema documentário realmente o lugar privilegiado para representações sociais mais próximas da realidade cotidiana de grupos desfavorecidos? Não existiriam semelhanças nos procedimentos estéticos e narrativos de programas jornalísticos e filmes documentários? E o que se entende por “representação fiel”, nesta linha? O que é representar? Haveria uma não-representação? Às imagens, enquanto enquadramentos que criam um modo de dizer sobre algo obscuro num real, é mesmo admissível falar de representação? Nos espaços preparados dramaturgicamente para o aparecimento de um enredo, é possível para os sujeitos narrados vazar ou transbordar os alinhamentos pré-dispostos? E pensando num grau de abstração ainda mais elevado: aos membros aleatórios de um sistema circular aberto e dinâmico, quais processos podem romper ou deslizar da estrutura em si? Qual movimento deve ser percorrido para tal feito?



Os questionamentos que se encadearam numa ascensão a um complexo epistemológico mais abstrato assinalaram as fragilidades das incoerências até então subliminares no decorrer da pesquisa. O mote de “Lugares instituídos, espaços praticados: a entrevista, representações sociais e aproximações entre documentários e jornalismo” seria o seguinte então: compreender, com sustentáculo nas proximidades entre duas linhas audiovisuais de interlocução com o cotidiano, o tipo de elaboração estética que pré-determina percursos para as imagens vertidas como narrativas, em diálogo intermitente com outras narrativas que compõe o tecido social. A elucidação deste quadro, não tão bem delineado anteriormente - devido a um posicionamento teórico que se embriagava com narrativas presumindo delas uma realidade mais bem representada sem contestar o próprio quadro narrativo em si - poderia ofertar uma plataforma sólida para percorrer as disposições acontecimentais destas edificações para micro componentes aleatórios que transbordam e re-arranjam o sistema como um todo.

Epistemologicamente, o estudo se baseia claramente no cruzamento de vários ramos disciplinares, que visam apontar os supostos pontos cegos anteriormente não iluminados. A fundação estrutural está na Cibernética de Norbert Wiener (1978), nos processos estocásticos propostos por Gregory Bateson (1998; 2006) e, mais diretamente, na dialética entre lugares e espaços abalizada por Michel de Certeau (2000). A revisão da idéia de representação e a elucidação de conceitos como enquadramento e narrativa cinematográfica, que servem para abordar o *modus operandi* do sistema em si, se ancora, respectivamente, nos trabalhos de Erving Goffman (1986; 2002; 2009), Maurice Mouillaud (2002), Jean Louis-Comolli (2008) e Fernão Pessoa Ramos (2008). Por fim, no que toca as vias acontecimentais desbravadas no trato com o cotidiano e sua função de calibração ou realimentação do quadro geral, a base está na teoria do acontecimento de Louis Quéré (2005) e Maurice Mouillaud (2002).

A convergência de disciplinas, de todo modo, não retira a especificidade da abordagem e dos questionamentos comunicacionais dos fenômenos. O interesse principal reside em compreender as trocas simbólicas efetivadas na relação entre o mundo social e suas narrativas e as narrativas do próprio produto audiovisual, compondo dinamicamente um objeto que é ao mesmo tempo um todo enquanto sistema e parte de quadros mais gerais em intersecção com o *everyday life*. A comunicação é a comunhão entre estes estratos e camadas que se superpõem e se entrecruzam, o que é significativamente diferente de um entendimento filosófico do porquê da existência do documentário ou do jornalismo ou mesmo uma mensuração sociológica de quais atores



sociais estão envolvidos na produção destes materiais e de que modo representam as classes cinematográficas e jornalísticas em ramos comerciais. Não que estes aspectos não sejam relevantes, mas, em conformidade com a comunidade de pares das Ciências da Comunicação, este “olhar” de indagações específicas esboça a possibilidade de sujeição à crítica e averiguação num painel acadêmico.

Em consonância com esta preocupação, está o tratamento do objeto de estudo. Os produtos selecionados foram os documentários *O Prisioneiro da grade de ferro* (2004) e *Pro dia Nascer Feliz* (2006), e, como amostras de programas jornalísticos, dois capítulos do *Profissão Repórter*, exibidos pela Rede Globo, intitulados *Escola de Periferia*, apresentado em 19/05/2009 e *Prisões*, de 18/08/2009. Em meio ao equilíbrio entre aplicação de conceitos pré-estabelecidos em busca de resultados evidenciáveis e a inventividade científica, reside um tratamento de elaboração metodológica conjugada a uma constituição teórica do objeto. Como indica Vera França, da relação estabelecida entre sujeito e objeto, “cria-se uma representação do conhecido – que já não é mais o objeto inicial, mas uma construção do sujeito (...). O conhecimento produz assim, modelos de apreensão” (FRANÇA, 2008, p.43).

No procedimento de averiguação em si, um item que surge como primordial em ambos objetos - ao entender dos envolvidos na pesquisa - é a entrevista. Considera-se sua presença como indispensável no encontro do aparelho dinâmico com o mundo social. Sua singularidade, colocada em evidência, é potencializadora de acontecimentos que alimentam e reconstróem o quadro narrativo em composição e interação<sup>12</sup>.

Para finalizar, cabe ressaltar que esta pesquisa ainda está em fase parcial de desenvolvimento, e suas inquietações-chave podem ser desmembradas no decorrer da análise. Todavia, caso haja afinação entre o trabalho epistemológico e o empírico, um passo importante que será dado futuramente é em direção a proeminência da experiência enquanto instância acionada na seleção de *frames* (GOFFMAN, 1986) responsáveis pelo enquadramento efetivado nos intercâmbios entre o sistema e a realidade cotidiana. A hipótese, ainda rudimentar, situa tais pistas como instigadoras de apreensões pressupostamente familiarizadas nos esquemas de conhecimento social, avivadas mnemonicamente no enquadramento desencadeado por uma experiência que as une e atualiza os mapas de percepção.

---

<sup>12</sup> Em outro momento, Thales V. Lelo e Marta R. Maia (2011) trataram destas questões mais detalhadamente, refletindo principalmente sobre a possibilidade de diálogo neste tipo de encontro com base nos axiomas da pragmática da comunicação que aludem às predisposições dos atores envolvidos na ocasião social.



### **Considerações finais**

A contribuição mais expressiva que se espera ter atingido com este breve artigo é a de que compete também ao aluno de Graduação um esforço em direção aos limiares epistemológicos de suas pesquisas. A problematização destas questões no seio da iniciação científica, por exemplo, pode trazer para o estudante uma gama de inquietações que estimulem a articulação das edificações teóricas adquiridas na etapa de revisão bibliográfica com o objeto de estudo proposto na pesquisa. Os operadores metodológicos emergem então no percurso de elaboração de indagações que norteiam o trabalho de investigação caracterizando-o como concernente às Ciências da Comunicação. Outro passo importante é a busca pela evidenciação dos pressupostos que gerenciam a base estrutural do projeto, de modo que possam surgir “pontos cegos” no decurso da investigação. Estes pontos poderão então ser mais bem tratados através da seleção de um conjunto de ferramentas apropriadas para a tarefa, ou ainda na sujeição do trabalho a uma comunidade científica para que outros pesquisadores possam colaborar ou oferecer críticas que estejam fundamentadas em panoramas similares de estudo.

Para além da aplicação desmedida de fórmulas em objetos de estudo rígidos, ou de uma “liberdade de criação” que dispensa quaisquer níveis de comprometimento, julga-se que o papel da Graduação é o de estimular também a circulação por níveis abstratos de pensamento. Apesar dos pesares institucionais que muitas vezes impedem tal ofício, ele não é dispensável: é uma incoerência pensar somente nos programas de Pós-Graduação como núcleos de estímulo ao debate epistemológico. Como afirma Laan Mendes de Barros, “a difusão de uma cultura investigativa passa pelo investimento na formação do comunicador, desde a graduação, com políticas de iniciação científica” (BARROS, 2003, p.240).

### **Referências bibliográficas**

- BARROS, Laan M. Pra que pesquisar? Comunicação: uma ciência social aplicada. In: LOPES, Maria I. V. (org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.
- BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBERIO, Branca T. e GARCEZ, Pedro M. (org.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Pacios hacia una ecología de la mente**. Buenos Aires: Lohlé-Lumen, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Espíritu y naturaleza**. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.



- BERGER, Peter T., LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BRAGA, José Luiz. Pequeno roteiro de um campo não traçado. In: FERREIRA, Jairo (org.). **Cenários, teorias e epistemologias da Comunicação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.
- BRETON, Philippe e PROULX, Serge. **Sociologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2006.
- CENTENO, Maria J. **O conceito de comunicação na obra de Bateson: interação e regulação**. Labcom, 2009.
- COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e poder – A inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DEMO, Pedro. **Auto-ajuda: Uma sociologia da ingenuidade como condição humana**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FERREIRA, Giovandro M. Em busca da disciplinarização da Comunicação: da noção de campo aos domínios de pesquisa. In: LOPES, Maria I. V. (org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.
- FRANÇA, Vera V. e MAIA, Rousiley C. M. A comunidade e a conformação de uma abordagem comunicacional dos fenômenos. In: LOPES, Maria I. V. (org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.
- \_\_\_\_\_. O objeto da comunicação / A comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C. e FRANÇA, Vera V. **Teorias da Comunicação – conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. Boston: Northeastern University Press, 1986.
- \_\_\_\_\_. Footing. In: RIBERIO, Branca T. e GARCEZ, Pedro. (org.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A Representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GOMES, Wilson. O estranho caso de certos discursos epistemológicos que visitam a área da Comunicação. In: LOPES, Maria I. V. (org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.
- LELO, Thales V. e MAIA, Marta R. O diálogo possível em entrevistas midiáticas: a evidência da experiência social na circularidade da relação. In: **Iniciacom - Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social**. Vol. 3, nº1. São Paulo: Intercom, 2011.
- LOPES, Maria I. V. Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. In: LOPES, Maria I. V. (org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.
- MARTINO, Luiz C. As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação. In: LOPES, Maria I. V. (org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003a.
- \_\_\_\_\_. Ceticismo e Inteligibilidade do Saber Comunicacional. In: **Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura**. Revista do PPG da PUC-SP, nº 5, abril de 2003. São Paulo: Educ. Brasília: CNPq, 2003b.
- \_\_\_\_\_. Ceticismo e interdisciplinaridade: paradoxos e impasses da teoria da comunicação. In: **XIV COMPÓS**, 2005, Niterói. Anais. Niterói: COMPÓS, 2005. Disponível em CD-ROM.
- MATTELART, Armand e MATTELART, Michèle. **Pensar as mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.



MOUILLAUD, Maurice e PORTO, Sérgio D. P. (org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora UNB, 2002.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. **TRAJECTOS, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Departamento de Sociologia. Secção de Comunicação, Cultura e Educação, n.6, p.59-75. Primavera de 2005.

RAMOS, Fernão P. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet B. e JACKSON, Don D. **Pragmática da Comunicação Humana**. São Paulo: Cultrix, 2007.

WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos**. São Paulo: Cultrix, 1978.

WINKIN, Yves. Erving Goffman: retrato del sociólogo joven. In: GOFFMAN, Erving. **Los momentos y sus hombres**. Barcelona: Paidós, 1991.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

**O prisioneiro da grade de ferro**. Documentário produzido por Paulo Sacramento. Duração: 123 minutos. Distribuição: California Home Video Brasil, 2003.

**Pro dia nascer feliz**. Documentário produzido por João Jardim. Duração: 86 minutos. Distribuição: Copacabana Filmes, 2006.